

## Sessão Artigo

### “Recusa à papinha sufocante”: contribuições de um caso clínico acerca da restrição alimentar

Jacqueline Danielle Pereira; João Luiz Leitão Paravidini

**Resumo.** Com orientação da psicanálise lacaniana, este trabalho analisa e discute a dificuldade alimentar. A alimentação constitui-se em receber do Outro um objeto, o qual precisa se tornar objeto de dom para ser integrado psiquicamente. Tal operação ocorre fundamentalmente por meio da função materna e poderá apresentar nuances tanto em sua realização quanto na resposta subjetiva. Nesse sentido, as dificuldades alimentares podem lançar luz sobre embaraços na relação mãe-filho. Um caso clínico se acrescenta às considerações tecidas. Nele, observa-se como o desenvolvimento da relação do sujeito com a alimentação se embaraça com a própria constituição subjetiva, na medida em que ambas se dão no enlace com o Outro. Ressalta-se, ainda, como a psicanálise pode contribuir para o entendimento e o tratamento dessas dificuldades.

**Palavras chave:** recusa alimentar; objeto; caso clínico.

### “Rechazo de la papilla asfixiante”: aportes de un caso clínico sobre la restricción alimentaria

**Resumen.** Este trabajo analiza el rechazo alimentario y propone una discusión a partir del psicoanálisis lacaniano. Alimentar consiste en recibir del Otro un objeto, el cual necesita convertirse en objeto de don para integrarse psiquicamente. Tal operación ocurre fundamentalmente a través de la función materna y puede presentar matices tanto en su realización como en la respuesta del sujeto. En este sentido, las dificultades alimentarias pueden arrojar luz sobre las situaciones embarazosas en la relación madre-hijo. Se añade un caso clínico a las consideraciones palteadas. En él, se observa cómo el desarrollo de la relación del sujeto con la alimentación se entrelaza con la propia constitución subjetiva, en la medida en que ambas se dan en el enlace con el Otro. Se resalta también cómo el psicoanálisis puede contribuir al entendimiento y tratamiento de estos estados.

**Palabras clave:** rechazo alimentario; objeto; caso clínico.

---

\* Psicóloga clínica em consultório particular e psicóloga da Rede de Atenção Psicossocial do SUS, professora da Faculdade Cerrado, doutoranda na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), Oliveira, MG, Brasil. E-mail: [jacquelinedaniellepereira@hotmail.com](mailto:jacquelinedaniellepereira@hotmail.com)

\*\* Psicanalista. Professor Associado da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: [paravidini@ufu.br](mailto:paravidini@ufu.br)

## **“Refusal of stuffing smothering baby food”: contributions from a clinical case about the food restriction**

**Abstract.** This work analyzes the refusal of feeding and proposes a discussion based on Lacanian psychoanalysis. Feeding consists of receiving an object from the Other, which must become an object of gift in order to be psychically integrated. Such operation takes place fundamentally through the maternal function and may present nuances both in its realization and in the subjective response. In this sense, feeding difficulties can shed light on issues in the mother-child relationship. A clinical case is added to the considerations made. In this case, it is observed how the development of the subject’s relationship with food intertwines with their own subjective constitution, as both occur in the connection with the Other. It is also highlighted how Psychoanalysis can contribute to the understanding and treatment these conditions.

**Keywords:** refusal of feeding; object; clinical case.

## **«Refus de la bouillie étouffante» : apports d'un cas clinique sur la restriction alimentaire**

**Résumé.** Sous l’orientation de la psychanalyse lacanienne, ce travail analyse et discute la refus alimentaire. L’alimentation consiste à recevoir de l’Autre un objet, qui doit devenir un objet de don être intégré psychiquement. Cette opération s’effectue fondamentalement par le biais de la fonction maternelle et peut présenter des nuances tant dans sa réalisation que dans la réponse du subjective. À cet égard, les difficultés alimentaires peuvent éclairer les obstacles dans la relation mère-enfant. Un cas clinique s’ajoute aux considérations développées. Celui-ci montre comment le développement de la relation du sujet à l’alimentation s’entrelace avec la constitution subjective elle-même, dans la mesure où les deux se produisent dans le lien avec l’Autre. Enfin, il est souligné comment la psychanalyse peut contribuer à la compréhension et au traitement de ces difficultés.

**Mots-clés:** refus alimentaire; objet; cas clinique.



A construção deste texto, orientada pela prática clínica psicanalítica lacaniana, originou-se a partir de um trabalho clínico realizado com uma criança, no qual algo enigmático surgiu em torno da relação entre uma mãe e seu filho, bem como os problemas de alimentação apresentados por ele. Com o recebimento de outras demandas clínicas semelhantes e a escuta de casos de diferentes profissionais que colocavam em questão essa tríade, surgiu o interesse por circunscrever e delimitar as configurações sutis em que, pela função materna, se entrelaçam a posição subjetiva da criança em relação a mãe e o processo de alimentação. O objetivo desta produção é abordar o liame entre esses elementos, pensando o estatuto da criança neurótica que manifesta problemas com a alimentação e os efeitos dos entraves ocasionados; analisando, especialmente, o caso clínico de uma criança de quatro anos para quem a seleção alimentar se restringiu bastante nos últimos anos. Para isso, lança-se mão das contribuições do Seminário IV de Lacan e de outros psicanalistas que trabalham com a temática das dificuldades alimentares na infância, além da discussão do próprio caso clínico em questão. Notou-se que há um número modesto de produções no campo da clínica psicanalítica com crianças que tratam especificamente dos embaraços relativos à alimentação, o que reforça a importância deste trabalho.

### **A relação do alimento com o desejo**

A relação do homem com o alimento não é natural. Ao passar pela linguagem, o alimento se transforma em um objeto cultural, carregado de significações e investidas do campo pulsional. Freud (1915/1996) situa a pulsão no limite entre o psíquico e o corpo, uma espécie

de quantum de exigência de trabalho que é necessária ao aparelho psíquico para sua associação ao corpo, isto é, para converter estímulos somáticos em representações psíquicas, nas quais a energia é a libido. Durante o primeiro período da teoria freudiana, a pulsão estava relacionada à autoconservação e à sexualidade, distinguindo necessidades biológicas das vontades sexuais (Freud, 1905/1996), o que revela seu caráter ambíguo, posto que serve tanto à manutenção da existência quanto ao gozo.

No segundo período da teoria freudiana acerca da pulsão, o psicanalista desenvolve os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte (Freud, 1920/1996). Dessa forma, Freud refere-se a essa ambivalência pulsional como dois aspectos da mesma coisa. Enquanto a pulsão de morte insiste no regresso ao estado de nirvana, reduzindo radicalmente a carga de estímulos que chega ao psiquismo, a pulsão de vida busca o reencontro com uma parte perdida pela via sexual, aumentando essa carga (Freud, 1920/1996). Por essa via, a psicanálise busca investigar a dinâmica pulsional, destacando o conflito entre forças construtivas e destrutivas intrapsíquicas.

Lacan, em sua empreitada de reinterpretação da pulsão, depara-se com a limitação da linguagem em capturar a dimensão pulsional. A elaboração do grafo do desejo foi crucial para o autor, pois permitiu-lhe identificar a pulsão como o que sobra da divisão do sujeito diante da demanda do Outro. Esse resto é resultado do momento da desapareção – *fading* – do sujeito submetido à demanda (Lacan, 1960/1998). Posteriormente, já introduzida sua noção de gozo, Lacan relacionará a pulsão à alienação e à separação. Skolidis sintetiza: “Se a alienação reflete o efeito de divisão que implica a representação do sujeito pelo significante, a separação reintegra o gozo fragmentado em objetos pequenos *a* (oral, anal, olhar, voz) no funcionamento do significante” (2011, p. 313). De tal sentença se depreende que os objetos são metafóricos – substitutivos – e tomam parte no circuito pulsional, sendo o alimento um deles.

Ao nascer, o bebê está imerso no Real. O banho de linguagem dado pelo primeiro Outro (um outro encarregado de seus cuidados e que exprime um desejo por essa criança), promove a significantização desse sujeito, introduzindo-o ao simbólico. Essa experiência não apenas nomeia o mundo, mas também libidinizava o corpo infantil, ou seja, gera a erotização de zonas corporais, impulsionando-o a buscar prazer/satisfação. Freud (1905/1996) sustenta que qualquer área do corpo ou órgão pode ser uma zona erógena, contudo, ele elenca como principais as regiões oral, anal, escópica e genital.

Em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), Freud atenta para a precedência da oralidade devido à sua valorosa participação na constituição do laço entre o bebê e seu Outro primordial, instituindo assim a base para a função materna. A pulsão oral adquire tal potência a partir da amamentação. Sobre a oralidade, Mariotto (2003) afirma que a boca, como buraco que revela um vazio, representa uma súplica por completude. Ao ser desejada como mãe – ser mordida pelo seu filho –, a mulher se oferece como objeto de satisfação para o bebê, estabelecendo uma relação de mútua saciação. Ao alimentar o filho, vê seu desejo materno realizado, enquanto o bebê encontra no seio o objeto que acalma sua angústia. Seguindo essa linha de pensamento, Lacan pontua:

Essa boca que se abre no registro da pulsão – não é pelo alimento que ela se satisfaz, é como se diz, pelo prazer da boca. É mesmo por isso que, na experiência analítica, a pulsão oral se encontra, em último termo, numa situação em que ela não faz outra coisa senão encomendar o menu. Isto se faz, sem dúvida, com a boca que está no princípio da satisfação – o que vai à boca retorna à boca, e se esgota nesse prazer que venho de chamar, para me referir a termos em uso, prazer da boca. (1964/1979, p. 165)

Assim, por meio da amamentação, o bebê não somente recebe alimento para garantir nutrientes para a vida, mas também sente prazer e ganha significantes, olhares da mãe, desejo. A boca, e por conseguinte o corpo, são erogeneizados, fazendo com que a nutrição seja, a um só tempo, fornecedora de uma necessidade básica e geradora de uma satisfação autoerótica. Ante isso, o alimento torna-se um mediador na relação do sujeito com o outro, vindo a ser objeto oferecido pelo outro como satisfatório e como aprazível simultaneamente.

A constituição subjetiva ocorre em paralelo à instauração do campo objetual. É na medida em que o sujeito se reconhece como distinto do Outro primordial, através das operações de alienação e separação, que ele se constitui como tal. Ou seja, o sujeito se constitui em relação a um Outro, ao se alienar de parte de si mesmo para se identificar com esse Outro.

A separação, junto à alienação, conjuga um processo de iniciação da articulação do sujeito com o Outro. Lacan (1964/1979) sustenta que “o sujeito nasce no que, no campo do Outro, surge o significante. Mas, por este fato mesmo, isto – que antes não era nada senão sujeito por vir – coagula em significante” (p. 194). Refere-se, portanto, à operação de alienar-se ao significante doado pelo Outro como porta de entrada ao simbólico. Ao passo que a separação diz respeito à divisão causada pela própria incidência do significante no sujeito. Em relação a esta última operação, o psicanalista francês afirma que:

Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro surge, na experiência da criança, algo que é radicalmente destacável “*ele me diz isso, mas o que é que ele quer?*”. (Lacan, 1964/1979 p. 209)

Ao deparar-se com a falta no Outro, o sujeito subtrai-se do Outro, em um retorno a si que também o faz faltante. E a repostagem forjada em relação à questão que fundamenta a separação – “o que ele quer de mim?” – ocorre por meio da fantasia, na forma de sentenças como “quer me chupar, me cagar, me ver” (Garroni, 2011, p. 352). Não por acaso essas formulações coincidem com as fontes da pulsão, haja vista que a resposta se arma em torno dos objetos pulsionais, pois eles serão o ponto de encontro com o Outro.

Freud e Lacan, no decorrer de suas teorias, destacam algumas operações da constituição subjetiva complementares a essas de alienação e separação. A primeira seria o complexo de desmame. A importância do desmame reside no primeiro corte que se faz entre a criança e o Outro (Lacan, 1938/2008). Um bebê não tem a percepção da diferença entre si e o outro, ele ainda não se concebe enquanto um ser separado do outro que o cuida, nem distingue as fontes de prazer/desprazer externas das internas. Para ele, há um só. A amamentação é o protótipo disso, ela remete à incorporação de um pelo outro. Daí, uma intensa fantasia que pode surgir é a de ser possível que o outro o coma, tal como na história do lobo mau.

Tal fantasia, claro, poderá ser elaborada; contudo, ela manda notícias mais tarde. Quem não conhece ditados populares que envolvam comida ou o ato de comer? Por exemplo, “não existe almoço grátis” ou sua variação “quando o almoço é de graça, você é a sobremesa”. Eles querem dizer que sempre há um preço, ainda que oculto, e pode ser você mesmo quem servirá como pagamento. Ou ainda: “à hora da comida, sempre o diabo traz mais um” e “morra Marta, morra farta”, que associam a comida à morte, além da conhecida paráfrase de outro ditado popular “dize-me o que comes e te direi quem tu és”, que expõe a integração no nível subjetivo do que se ingere.

O sujeito vivencia a interrupção da amamentação como uma experiência de separação, uma vez que o seio, para ele, era uma extensão de si mesmo, fonte de alimento e conforto. Isso significa que “o sujeito se separa do Outro, ao preço de perder algo de seu para o campo alheio”

(Campos, Ferreira, Cunha & Braun, 2012, p. 31). Desse modo, o seio ganha o estatuto de primeiro objeto, destacando a pulsão oral, e virá a ser substituído uma vez que o sujeito buscará por um suplente dessa primeira experiência prazerosa obtida com ele na amamentação. Esse primeiro objeto não é concebido por sua aparência nem pelo nome, o que faz com que outro objeto qualquer do Outro possa fazer sua vez, capturando o interesse da criança (Campos et al., 2012).

Se o seio é o primeiro objeto, o alimento é um dos primeiros objetos oferecidos pelo outro materno ao sujeito. Esses primeiros objetos vêm com a pretensão de substituir o falo a partir de algo com valor de amor (Ferreira, 2004); isso é o que Lacan (1961/1992) chama de objeto de dom. Logo, seria aquele que não entra na relação entre mãe e criança com o propósito de satisfazer necessidades, mas representa para a criança algo que lhe é ofertado ou negado pelo Outro. Ele pode incorporar-se em qualquer objeto, desde que faça parte de uma economia de troca – na linguagem, isto é, sob a lógica da demanda. Consequentemente, o objeto de dom surge apenas quando as manifestações do sujeito são compreendidas como pedidos, que podem ou não receber uma resposta (Lavrador, 2021).

É porque a mãe está na ordem simbólica que ela interpreta o grito do neonato como uma mensagem que requer uma resposta de satisfação e lhe dá algo (Vorcaro, Moreira, Guimarães & Souza, 2015). Seja alimento ou qualquer outro objeto que sacie necessidades, amenizando tensões internas (Vorcaro et al., 2015). Os autores sublinham:

é ao conceber-se como não-toda, isto é, *privada* do objeto de seu desejo e, portanto, capaz de operar simbolicamente por meio de trocas e substituições, que ela pode oferecer distintos objetos passíveis de satisfazer o apelo do filho. Tais objetos são inseridos na dinâmica do campo do outro materno como objetos simbólicos, representantes de seu desejo. (Vorcaro et al., 2015, p. 135)

Freud (1901-1905/2006) denominou essa primeira fase de desenvolvimento psicosssexual, isto é, de relação com o objeto, como fase oral, o que implica uma relação com o Outro materno, já que este é a encarnação do objeto primordial. Contudo, foi Lacan (1969-1970/1992) quem advertiu sobre o aspecto ambivalente da demanda emitida nessa fase – a de ser alimentado e a de deixar-se alimentar. Embora o alimento, como objeto-dom, seja ofertado, é preciso que a criança consinta e aceite o objeto substituto.

Não obstante, testemunha-se a importância de a mãe furtar-se à tarefa de ofertar objetos ocasionalmente, oscilando entre o satisfazer e o não satisfazer. Isso se refere à alternância, operação que Lacan (1956-1957/1995) relaciona à outra, que ele denominou frustração.

Lacan (1956-1957/1995) define a frustração como um dos modos de transmissão da falta, junto da privação e da castração, cujo domínio se dá mais especificamente no registro imaginário. Esses modos conformam-se em tempos que não estão separados um do outro, mas em colaboração. Em um primeiro tempo, quando a criança nasce, ela estabelece uma relação dual com a mãe, à qual é atribuído o lugar de Outro primordial. Esse recém-nascido encontra-se em dependência de um outro que venha responder ao seu apelo, mesmo que ele ainda não saiba formular esse apelo, posto que vem à tona pelo grito. Significa então que ele depende que o outro o interprete (Lacan, 1956-1957/1995). Como aludido, para que a mãe interprete e responda a esse apelo, há uma condição essencial: que ela esteja inserida na ordem Simbólica a partir de sua própria castração, ou seja, que ao menos um objeto lhe esteja privado. Somente assim, a mãe, em seu estatuto simbólico, pode vislumbrar a falta na criança e interpretar o grito como uma demanda de satisfação.

Será a partir do momento em que houver um estorvo na relação simbiótica entre mãe e filho, cujo agente é o pai imaginário, que a mãe passará a se manifestar pelo registro real. Os objetos que eram previsíveis (como o leite) e, portanto, reais, tornam-se simbólicos e adquirem a faculdade de serem ou não oferecidos ao sujeito. Com isso, a mãe ganha uma potência imensa, posto que é colocada como a detentora dos objetos que a criança precisa e deseja assim como da decisão de dá-los ou não. Desse modo, a criança se torna submetida a ela. Põe-se em jogo aí o objeto de dom, na medida em que o objeto passará a representar o dom ao fazer signo de amor. Nesse sentido, o tempo da frustração inaugura a possibilidade de reinvidicação do objeto, o qual ao não ser entregue causará um “dano imaginário” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 36).

Com a frustração, entra em cena também o falo, colocando a criança em uma tríade: mãe-criança-falo (Lacan, 1956-1957/1995). O falo é o elemento que aponta para o desejo do sujeito, respondendo à falta. A criança saca o esquema e pretende ser o que completaria a falta da mãe, correspondendo totalmente ao seu desejo, ou seja, seu falo, a fim de que receba também o que deseja, os objetos que a mãe possui.

Há, então, a intervenção do Nome-do-pai, isto é, o pai em sua função simbólica, atraindo o desejo da mãe para outros objetos, de forma que a criança não seja de fato o falo materno. Lavrador (2021) explica que é nesse momento da privação, em que a criança se vê privada da mãe e a mãe fica privada da criança, que a criança se defronta com a mãe se revezando entre a ausência e a presença. Para apreender essa primeira modalidade de falta transmitida pela privação que é real, a criança precisa simbolizá-la, o que ocorrerá com o tempo da frustração. Neste último, momento em que o Outro ainda é incorporado por um agente, é conferido a essa mãe a posição de Outro real (Lavrador, 2021), justamente com essa conotação de um Outro que tudo pode.

Essa passagem implica, como referido, necessariamente o cancelamento do objeto ofertado como representante da necessidade, objeto real, ascendendo então como objeto simbólico representante do amor, objeto-dom. Então, o objeto passa a ser reivindicado. Para tanto, o objeto precisa faltar. A operação da frustração se dá, por excelência, na dimensão da reivindicação (Lacan, 1956-1957/1995). Desta forma:

O apelo se faz escutar quando o objeto não está lá. Quando está lá, o objeto se manifesta essencialmente como sendo apenas signo do dom, isto é, como nada em termos de objeto de satisfação. *Ele está lá fundamentalmente para ser rejeitado na medida em que é este nada.* (Lacan, 1956-1957/1995, p. 186, grifos nossos)

A relação com o objeto na matriz simbólica é desapontadora, já que se lida com um objeto suplente, o que o faz ser distinto do objeto que, supostamente, o satisfaria completamente (Vorcaro et al., 2015). De sua parte, há uma satisfação na recusa do objeto derivada do fato de que “a criança anula o que há de decepcionante no jogo simbólico, na captura oral do objeto real de satisfação, no caso, o seio” (Lacan 1956-1957/1995, p.186).

Interessa ressaltar ainda que o saldo da operação de frustração é o estabelecimento preliminar de um desejo da criança. Fragelli e Petri (2004) frisam que a conversão do objeto real em simbólico possibilita “escutar as demandas da criança já como uma tentativa de veicular um desejo ainda incipiente e responder a elas com um símbolo do amor, como um reconhecimento do desejo” (p. 122). Tal condição é efeito também da castração, na medida em que esta operação, por sua vez, iniciada pela intervenção da metáfora paterna desemboca na inscrição da criança na ordem simbólica. A partir do momento em que a mãe falta, a criança se questiona sobre o desejo da mãe, tendo como retorno sua insuficiência em ser o seu falo.

Instaura-se um corte que retira a criança do lugar de objeto materno, posicionando-a como sujeito do desejo.

É esperado que a criança responda às ações do Outro. Há de se reconhecer que a recusa do alimento pelo sujeito, considerando seu estatuto de objeto, em algum momento é procedente. Do contrário, a criança permanece submetida ao jugo do Outro, visto que recusar o objeto dado pelo Outro implica recusar, em certa medida, o desejo do Outro. Pesquisas indicam que, desde o período de aleitamento materno, a criança é capaz de regular o tempo, a forma e a quantidade do que vai tomar (Drewt, 2010 como citado em Zavaroni, Rodrigues & Samarcos, 2015).

Pode acontecer que, ao longo da operação da frustração, apareça como resposta da criança a anorexia mental (Lacan, 1956-1957/1995). Neste quadro, o sujeito forja uma maneira de escapar da insaciedade materna por meio do “comer nada”, uma ocorrência registrada pelo simbólico.

Garroni (2011) conclui que a mãe, na anorexia, é demasiada; logo, o “nada” serve como um “não” à demanda da satisfação por meio da comida em exagero. O Outro materno fixado no que é da ordem da necessidade dá à criança “a papinha sufocante daquilo que ele tem, ou seja, confunde seus cuidados com o dom de seu amor” (Lacan, 1958/1998, p. 634). A mãe resiste em dar a falta. Para que a mãe não empanzine a criança com a papinha sufocante, Lacan (1958/1998) sugere que é preciso a interveniência de um terceiro vetor para que o desejo materno não se encerre na criança. Aqui é convocado o pai Real, responsável pela inscrição da castração, à medida que comparece como um quarto elemento que castra a mãe (Lacan, 1956-1957/1995). Esse é o ponto-chave para que a falta se torne causa psíquica e deixe de ser um vazio a ser completado.

A anorexia então é uma artimanha a fim de se separar do Outro excessivo. Porém, trata-se de uma separação radical e, quando se agrava, beira a morte, tal como Lacan esclarece:

O primeiro objeto que ele [o sujeito] propõe a esse desejo parental cujo objeto é desconhecido, é sua própria perda. Pode ele me perder? A fantasia de morte, de seu desaparecimento, é o primeiro objeto que o sujeito tem a pôr em jogo nessa dialética, e ele o põe, com efeito – sabemos disto por mil fatos, ainda que fosse pela anorexia mental. (1964/1979, p. 203)

Desse modo, há uma inversão na dependência. Se inicialmente o sujeito é dependente do desejo soberano da mãe, a partir da manobra de “comer nada” é a mãe “quem depende por seu desejo, é ela quem está a sua mercê, à mercê das manifestações de seu capricho, à mercê da onipotência de si mesma” (Lacan, 1956-7/1995, p.190). Comer nada serve como amparo ao espaço de seu próprio desejo, a fim de não ser incorporado ao eixo da necessidade. Destarte, “o objeto real (comida, nada) escapa da trama da satisfação relativa ao vital e torna-se signo da exigência de amor” (Fragelli & Petri, 2004, p. 122).

Pela recusa, o sujeito responde a um Outro que se apodera dele e, no limite, o tolhe (Zavaroni et al., 2015). Junto à negação ao alimento, o que o sujeito rejeita é a demanda imaginária materna de que a criança seja o falo. À medida que a mãe, ao ser confrontada com a criança real, distancia-se daquela imaginarizada, que não vem a consertar seus traumas e dificuldades, passando a ditar-lhe a exigência de que essa criança lhe afirme a maternidade.

Outra operação de constituição subjetiva complementar é a de controle dos esfíncteres, situada na fase anal (Freud, 1901-1905/2006). Ela corresponde ao momento em que o sujeito dá algo de si, em vez de dar a si mesmo, como oferta ao Outro em forma de contraprestação ao que o Outro lhe apresenta. Os excrementos são caros justamente por isso, por representarem uma parte do ‘eu’ que não é o ‘eu’ mesmo. Emanam um limite interposto entre o sujeito e o Outro,

uma barreira que impede o Outro de devorar o sujeito. É o que salientamos anteriormente, quando o sujeito pode almoçar “de graça” sem ter que ser a sobremesa. Afinal, a dívida é paga com o equivalente a um objeto de dom (Lacan, 1956-57/1995).

A essa altura, uma outra fantasia básica é criada: o medo de o Outro enraivecêr-se. Tal criação implica um modo imaginário de inscrever no sujeito o sentimento de culpa. “Será que o outro gosta do que eu dou a ele?”. Se não, a culpa é minha por não o satisfazer. Logo, questiona-se “*Che vuoi?*” (Lacan, 1960/1998, p. 829) – do italiano “o que você quer?”. As fezes, nesse contexto, adquirem um valor simbólico, tornando-se objetos do circuito pulsional. A constipação ou o excesso de evacuação podem, assim, revelar conflitos internos em relação à satisfação ou à insatisfação do outro.

Vale ressaltar ainda a participação da fase anal na concatenação das dimensões de ausência/presença do objeto para o sujeito. A brincadeira comum de acenar para as fezes, despedindo-se delas, geralmente feita pelos adultos com as crianças, retrata isso. Ao dar tchau para o objeto, é ensinado que o sujeito aceite seu afastamento sem se desesperar. O que está em jogo é a apreensão de que ausência não significa sumiço – não está ali, mas está em outro lugar e pode voltar. Além de que tal cena reafirma o feito de que aquele pedaço se foi, mas o sujeito continua sem se desfazer.

Há crianças que não simbolizam a ausência do outro e se aferram à presença do objeto. É preciso estar em contato com o objeto real para não caírem no abismo da angústia de separação. O par ambivalente presença/ausência são os primeiros significantes a serem inscritos na ordem psíquica, remanescentes do recalque primário, conforme estabelece Freud (1920/1996) ao analisar a brincadeira de seu neto com o carretel que ia e vinha comandado pela sua própria mãozinha, cujo nome é *Fort! Da!* (“fora! – perto!”).

A ausência propicia a dúvida sobre o Outro, sobre o seu desejo. Eis o paradigma do complexo de Édipo, ou melhor, o complexo de castração – Lacan (1960/1998) defende ao final de seu ensino que se dá por igual. A criança que avança a este complexo precisa tornar simbólica a dívida para com o Outro e a sua falta. Aliás, este complexo se estrutura em torno do que falta. O final do complexo de castração é o encontro com a falta, que o sujeito seguirá pela vida tentando elaborar. Pois a separação é sempre motivo de angústia para o humano, e ela é experimentada ao extremo no nascimento, mas revivida, na melhor das hipóteses, parcialmente a cada nova desagregação, tal como no desmame, no controle dos esfíncteres, nas mudanças familiares, na exclusão sexual e, por fim, na morte. Cada uma dessas rupturas reativa a angústia primordial, convidando o sujeito a reelaborar a perda e a construir novas formas de vinculação.

## O caso clínico na perspectiva psicanalítica

O presente trabalho expõe um esboço da construção de um caso clínico em andamento, desafiando a ideia de que um caso só pode ser escrito após seu encerramento. Embora Dunker<sup>1</sup> afirme que a tendência a concluir prematuramente um caso seja um risco, argumentamos que a construção de esboços pode ser uma ferramenta valiosa para o psicanalista. Ao situar o caso no contexto teórico, o esboço permite uma melhor compreensão do processo analítico, identificando significantes e outras variáveis relevantes. Além disso, a compartilhamento

---

<sup>1</sup>Em vídeo, de 14 de fevereiro de 2016, disponível no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=tkiqi0huLec&t=452s>), “Estrutura e Constituição da Clínica Psicanalítica | Sinopse e Lançamento | Christian Dunker”.

desses esboços enriquece a prática clínica da comunidade psicanalítica, fomentando o debate e a troca de experiências.

Segundo Viganò (1999), a construção do caso clínico direciona-se ao Real, à parte indefinível, mas que pode ser tangido pelo saber por meio de uma operação metafórica. Isto é, para ele, o intuito é restringir o real do caso para abordá-lo. A escrita é um meio de contorná-lo, além de servir também à apresentação. Mais além, Dunker (2017) aponta que a escrita da clínica em formato de caso ultrapassa a simples tarefa de dar forma ao caso, de organizar as falas emergidas na transferência. A formalização do caso clínico provoca uma torção do privado ao público, do tratar ao investigar.

A apresentação à comunidade, na forma que melhor convier, é fundamental para a construção de um saber. Iribarry (2003) ressalta que a discussão acerca de um saber, elaborado até então, colabora para sua edificação – e que as trocas geradas se acrescentam a ele. Seja para pares, seja para representantes de outros campos, apresentar um trabalho aos demais faz parte do processo construtivo. “Cada apresentação pode ser a ocasião de extrair as linhas de força de uma organização sintomática, visando a abordar as exigências do laço social” (Matet, 2014, p.72).

Dunker (2011) também lembra que o caso clínico serve como instrumento para complementar o que não se pode evocar, tanto por parte do analista quanto do analisante, naquele momento do tratamento. Sendo assim, o caso clínico para os analistas não se faz como um relato literal do desenrolar das cenas no *setting* analítico, tampouco se adequaria a um formato padronizado como formulários. Dessa forma, o caso clínico serve como um instrumento fundamental para o analista, possibilitando a cifragem de elementos cruciais da análise, como o sintoma, a fantasia e a orientação da transferência. Além disso, o caso clínico se configura como um recurso valioso para a supervisão, dispositivo crucial na formação do analista.

Apesar de a máxima apregoada pela psicanálise ser a de que cada caso é um caso – ou seja, não há uma fórmula universal para as questões que chegam à clínica –, ocorre a construção de um saber próprio à questão de cada sujeito que, em última análise, é única. Ainda assim, a psicanálise não se furta a ofertar algo à ciência. Publicar um caso clínico é a manifestação da vontade da psicanálise de se comunicar com a ciência. Desde Freud, isso é testemunhado. No entanto, com Freud também é visto que as regras científicas não são acatadas pelos psicanalistas. Dirige-se à ciência na contramão, na medida em que é possível. Isso, especialmente, porque não se busca a universalização acerca de um saber que se possa dizer ser sobre a humanidade como um todo, mas um saber para uma parcela do universo que há em cada sujeito – aceitando que parte dele restará eternamente desconhecida.

O saber, fruto da experiência analítica, revela-se para ambos os participantes: analisando e analista. Aqui, interessa-nos o analista (que é quem escreve o caso, na maior parte das vezes). Este detém um conhecimento que se bifurca em dois eixos: um conhecimento idiográfico, construído a partir da singularidade subjetiva de cada paciente, e um conhecimento nomotético, proveniente da teoria psicanalítica, que permite generalizações e comparações entre os casos (Val & Lima, 2014). Importa lembrar que o saber que o analisando obtém participa da composição do saber do analista, um movimenta o outro.

Ferrari (2010) defende que, apesar de o caso clínico poder ser da ordem do exemplo, ele não é “ilustração da teoria” (p. 40). É sabido que, na psicanálise, a prática prevalece à teoria, de tal modo que a teoria não funciona como um conjunto de conhecimentos estanque dado a priori para se encaixar sobre os elementos do quadro clínico que aparecerem. Na prática psicanalítica,

embora a teoria seja um referencial para o trabalho clínico, o que a orienta é a transferência, sendo que são os acontecimentos do laço transferencial os possibilitadores do tom e do sentido provenientes das intervenções.

É imprescindível que a clínica se coloque a serviço da teoria, de modo a que os fenômenos clínicos sirvam como base para a construção e o aprimoramento dos conhecimentos teóricos. Por isso, o esforço da escritura de casos é valioso. Nessa linha, Ferrari (2010) continua tratando da Psicanálise: “nesse saber fazer em que o saber teórico só entra como pré-condição, a construção do caso é forma de dar espaço à singularidade irreduzível e ao particular que individualiza o sujeito em sua diferença” (p. 43).

Vale ressaltar que o caso clínico é uma construção, não só pelo fato de ser montado ao longo de um processo que demanda um intervalo de tempo considerável, mas também porque ele não pode ter o estatuto de objetividade que o discurso científico requer. Ao se escrever um caso clínico, ele passa à literatura, imbuindo-se também na subjetividade de quem o escreve. E a psicanálise, advertida disso, não menospreza tais aspectos, posto que incidem na suposta neutralidade afirmada pela ciência.

Perante tais considerações, o caso clínico presente neste texto, entrelaçado à exposição teórica, servirá como contribuição aos psicanalistas. Lança-se mão da psicanálise como orientação teórica, não apenas em razão de os autores terem essa orientação em sua prática, mas também por reconhecer quão tamanha é a colaboração da práxis psicanalítica no campo da relação do sujeito com a alimentação e suas dificuldades. Isso se dá conforme a psicanálise se sustenta a partir da análise do laço social, ou seja, das relações que o sujeito constrói com outros sujeitos e com os objetos – e por elas é constituído. A seguir, algumas vinhetas do caso clínico serão descritas e discutidas.

### **O caso Tony e a restrição alimentar: tecendo considerações a partir de vinhetas clínicas**

Isabel<sup>2</sup> marca um atendimento para o filho, Tony, de 4 anos. Estava preocupada com a alimentação dele, que se reduzia a carne e batata frita. Marco uma entrevista e informo que esse primeiro encontro seria somente com os pais. No horário marcado, comparecem os três: mãe, pai e filho. Em outros encontros com esses pais, sempre vão ao menos mãe e filho, o que me faz assinalar que o horário seria somente para os responsáveis nos próximos. A mãe justifica que não tem com quem deixar o filho; em contrapartida, o pai afirma que a sua mãe mora a poucos metros de sua casa e, ainda assim, Isabel se opõe a deixar o filho com a avó. Como um primeiro aspecto, já se nota a presença da resistência à separação.

Na entrevista, Isabel relata que Tony tem se alimentado mal; ele só aceita comer carne, preferencialmente linguiça, e batata frita. Ela já o levou a vários especialistas, como pediatra, nutrólogo, nutricionista e neurologista, mas nenhum identificou uma causa. Todos afirmam que os exames, inclusive os hemogramas, estão bons, sem alterações. A pediatra sugere que Isabel procure então uma psicóloga.

Esse ponto é válido como motivo para se entender a condição de Tony como um quadro de restrição alimentar e não uma seletividade alimentar ou algum transtorno alimentar. A seletividade alimentar é caracterizada por consumo alimentar reduzido, escolha alimentar monótona, preferência ou recusa alimentícia baseada em características específicas, o que não

---

<sup>2</sup> Os nomes são fictícios para assegurar o sigilo do caso.

foi possível definir no caso tratado. Ao passo que os transtornos alimentares têm como critérios diagnósticos a perda de peso ou insucesso em ganhá-lo, deficiência nutricional, entre outros, o que não estava presente neste caso. Tampouco tratava-se de uma anorexia, já que o objeto de Tony não era o nada, portanto de alguma forma, Tony fisgava o objeto do Outro. Não obstante, toda restrição é feita em alguma medida sob uma recusa.

Isabel confessa que não aguenta mais as opiniões dos outros; cada um vem dizer a ela o que deve fazer para que Tony coma. Os parentes reclamam por Tony não comer e insinuam que a culpa seria dela. “Uma mãe que não alimenta um filho?!”, conclui ela. E resta a questão do que significaria ser mãe para Isabel. Parece que ela encontra sua resposta no campo da satisfação das necessidades. A demanda de Isabel, portanto, era que o filho comesse, em última análise, para ela se considerar e ser considerada uma boa mãe. Quando os filhos não cumprem os anseios do investimento libidinal dos pais, há uma ruptura narcísica. Nesse caso, considerando não haver uma ameaça à sanidade, faz-se importante auxiliar a mãe a suportar essa recusa sem que isso a destitua de sua função materna (Duarte, 2023).

Destaca-se uma ilustração sobre a clínica das dificuldades alimentares:

Certas mães dizem a sua criança sem parar: ‘Come tudo. Come. Come!’. Seria muito importante que um pai interviesse um dia dizendo à mesa: ‘Deixe-o em paz’. Essa simples intervenção paterna poderá muito bem salvar a criança da anorexia, porque, se o outro, a mãe, que está situada no lugar de grande Outro, diz ao longo do dia a uma criança ‘Come, come’, sem que nenhum contrapeso paterno venha a funcionar, só restará à criança recusar se alimentar para refazer o buraco indispensável ao sistema. (Lebrun, 2004, p. 35)

Verifica-se assim que o apelo ao pai é estrutural na medida em que o pai protege o desejo próprio do sujeito. Durante a entrevista, o pai de Tony permanece mais quieto, mexe no celular em alguns momentos, enquanto a mãe fala. Faz algumas ponderações pontuais. Ele diz que a seletividade do filho na alimentação começa depois de um episódio com a babá. Tony era cuidado por uma babá enquanto a mãe trabalhava e fazia faculdade. Certo dia, o pai chega de seu trabalho e encontra Tony chorando muito no berço em seu quarto, enquanto a babá lava roupas no andar de baixo. Ele desconfia que ela teria escutado, mas não parou a tarefa para acudir o menino. A mãe acrescenta que a babá pode ter forçado Tony a comer algo, por isso vinha rejeitando comidas. Após o ocorrido, os pais decidiram despedir a babá, já que Isabel havia se formado e não trabalharia mais. Ela passaria a vender semijoias em domicílio e tomaria conta do filho em tempo integral. “Decidi ficar só com *as joias*”, afirma Isabel. O filho é a joia de Isabel, com quem ela ficará sozinha. A dificuldade em permitir a entrada de um terceiro termo que seja autônomo na relação com o filho, quesito para a separação, revela-se dessa vez na demissão da babá.

Na primeira sessão da criança, Tony não quer entrar sozinho. A mãe entra com ele e seus brinquedos que, desde então, o garoto sempre traz aos atendimentos, variando formatos e tamanhos. Nesse dia, ele leva três dinossauros grandes. Em certo momento, fala sobre o que eles comem e põe em cena a questão da comida, o que se estenderá ao longo do tratamento. Assim, já se revela a primeira questão que o analista se faz diante do atendimento infantil: “A queixa dos pais é também a da criança?”. No caso de Tony, sim – claro que com diferença na perspectiva. Desde a sua primeira sessão, o menino coloca a trabalho a sua relação com o

alimento. A queixa dos pais, portanto, dá-se frente ao incômodo da resposta do filho, já que os sintomas das crianças são respostas de sujeito, como sustenta Flesler<sup>3</sup>.

O modo como Tony restringe sua alimentação engendra inicialmente como uma resposta à investida excessiva do desejo materno. Na escassez da intervenção paterna, é uma forma que ele encontra de retirar-se parcialmente desse capricho e afirmar-se como sujeito. Quando a criança denega ser alimentada, ela passa a ser um sujeito ativo na interação, moderando a onipotência da mãe (Duarte, 2023). Tal manobra inverte a dependência primordial: se o filho pequeno depende do outro para comer, ao se esquivar, é o outro que depende de que ele coma. As recusas à alimentação podem representar a escolha da existência acima da sobrevivência (Duarte, 2023).

A partir da segunda sessão, Tony entra regularmente sem a mãe. Em suas brincadeiras, ele parece estar mergulhado no registro imaginário. Não põe em jogo a cena lúdica. Por exemplo, em uma sessão, brincamos de fazer poções e, ao misturá-las, causaríamos uma explosão. Quando assim o fazemos, finjo que houve uma explosão, imitando o barulho e caindo para trás. Nesse instante, Tony se embravece porque a mistura não estoura de verdade. Preso à literalidade imaginária, ele não ficciona.

Brincar implica justamente jogar com a metáfora, a ambivalência (Levin, 2021). Estar entre o fantasiar e a concretude. Isso requer a ascensão ao simbólico, o que parece que claudicava no caso de Tony. Para tanto, era necessário que ele ao menos se movimentasse no lugar de objeto fálico da mãe, desemaranhando-se então das teias imaginárias.

Isabel ocasionalmente me procurava para falar sobre o filho. “Ele ainda se recusa a comer”, “ele não come na escola”, “Tony não quer entrar na escola quando o levo”. Em algumas dessas ocasiões, eu a chamo para uma sessão e comparecem mãe e filho, mais uma vez. Tony leva um brinquedo que é a boca de um jacaré – Lacan gostaria de ver –, cuja diversão se dá ao apertar cada dente até que um aleatório faça a boca se fechar, prendendo o dedo da criança. O curioso é que, durante a conversa com a mãe, o jacaré permanece com a boca fechada. Ao fim, converso um pouco com Tony e digo: “esta boca pode ficar aberta”.

Lacan (1969-1970/1992) compara o desejo materno com a bocarra de um crocodilo, na qual os filhos estão guardados. Contudo, ela apenas permanece aberta por força da potência paterna, que serve de anteparo. Na submissão do pai à supremacia materna, a criança é alienada a esse desejo. Sob essa perspectiva, a direção do tratamento de Tony se alinhava ao manejo do anteparo fálico que faça a função paterna a fim de que a própria criança não sucumba.

Naquele dia, Isabel consegue falar mais sobre sua posição materna. Reclama do sogro que frequentemente lamuria sobre o modo de se alimentar do neto. Conta também uma situação na casa da mãe: ela estava na cozinha, ajudando a preparar o almoço junto da irmã, quando começa a picar linguiça para dar a Tony (“ele só aceita se estiver picada bem pequeninha”, destaca Isabel). A irmã a vê nessa tarefa por um longo tempo e diz: “Ah! Eu não faço isso. Minha filha come o que tem. Você é muito boba”, ao que Isabel responde: “Ainda bem que eu me casei com *um homem rico* e posso passar o dia todo *picando linguiça*”.

Interessa notar como Isabel, por meio dessa enunciação, demonstra a falicização de sua escolha objetual – ao enfatizar o predicado do homem que ela escolheu –, mas reduz a tal escolha ao evidenciar sua ineficiência: impedir que a si própria gaste todo o seu tempo a picar linguiça

---

<sup>3</sup>Afirmção baseada na fala de Alba Flesler, em seu seminário virtual “¿Cómo analizar a un niño? Las intervenciones del analista”, disponível no site: <https://www.albaflesler.com.ar/inscribirse-cursos/como-analizar-a-un-nino/>

– elemento tão fálico, diria Freud – para Tony, isto é, em outras palavras, dedicar-se toda ao filho.

Dessa forma, Isabel restringia toda a sua demanda materna em torno da nutrição do filho, o que a deixava muito embaraçada quando tudo o que ela oferecia não era aceito por ele. Uma amostra disso ocorre quando, diante das recusas sucessivas do filho aos lanches enviados pela mãe na lancheira da escola, ela começa a mandar várias opções de fruta e de carboidratos para que Tony pudesse escolher. Mesmo assim, ele frequentemente volta com todas as opções inteiras para casa. A cada relato como esse, eu pontuo: “Deixa faltar, Isabel!”. A falta é condição para promover o espaço necessário entre a necessidade e a demanda, podendo franquear o giro do objeto à qualidade de dom. Acresce-se ainda que mais vale a qualidade da dedicação do Outro na relação do que a porção de alimentos ofertada (Duarte, 2023).

As intervenções com Tony inicialmente pautaram-se na direção da metáfora. Foi necessário tornar ficção tudo o que ele paulatinamente trazia, inclusive a questão da comida, podendo ser metaforizada. Tony passou várias sessões cozinhando para os personagens que criava. É interessante que ele usualmente pedia para ir ao banheiro fazer xixi no início do tratamento. Os pedidos diminuem à medida que ele vai elaborando o desprendimento do objeto e sua ausência. Houve um período também em que a criança estava segurando por muito tempo o cocô e depois defecava em lugares inapropriados, tal como no banho. Tais aspectos podem estar, nesse caso, associados com a operação do controle dos esfíncteres e os efeitos subjetivos que advêm daí. Apesar de Tony já apresentá-los controlados, a subjetivação disso é a metaforização do objeto como expressão simbolizante propiciadora da regulação pulsional que foi mais custosa para ele.

Isso não era fácil para Tony, tanto que ele precisou de um intermediador nas sessões e encontrou, entre as cartinhas de um jogo que gostava de usar em suas brincadeiras, um pinguim, o qual elegeu como seu companheiro de várias sessões. Ao tratar da comida, o pinguim sempre estava no meio; ele era o pinguim cozinheiro. Quando ia cozinhar para os outros personagens, tinha que achar o pinguim primeiro. Tony não dava conta da comida sozinho, levando em consideração que ela era insígnia do objeto do desejo materno maciço.

Conforme havia mencionado, o garoto sempre trazia para o consultório um brinquedo, ou seja, nunca entrava só, era sempre ele e mais um objeto – ou vários. Às vezes, trazia uns dinossauros grandes; outras, um monte de dinossauros pequenos. Nada do que ele tinha era pouco; ele não tinha só um dinossauro de cada tipo, mas não menos que três. Um dia, Tony trouxe um balde cheio de super-heróis. Dentre eles, havia mais ou menos dez “Homens-aranha”.

Chama a atenção o tamanho mínimo de vários desses brinquedos trazidos por Tony. Segundo Meira (2003), no contemporâneo, as brincadeiras das crianças são invadidas pelos olhares vigilantes dos adultos, quando não são filmadas e replicadas. Desse modo, não lhes sobra espaço para suas brincadeiras que elaborem justamente as faltas desses outros. A psicanalista tomou em consideração que a preferência por esses brinquedos tão pequenos possam ser o recurso encontrado frente ao olhar do outro, já que a medida ajudaria a ocultar a cena do olhar alheio. Por outro lado, há nisso uma artimanha industrial em jogo também. Os pequenos brinquedos geralmente tomam lugar em uma linha de outros brinquedos muito parecidos, mas que vão evoluindo. Isso induz a criança a não só comprar um, bem como a querer o próximo da linha. Por fim, Meira alerta:

esses pequenos (...) [objetos] são um exemplo da via metonímica que acaba se inscrevendo no brincar contemporâneo, operando uma sucessão de jogos sem fim onde as crianças não

param para pensar acerca da história que aí se encena. As metáforas são incipientes e frágeis, como é o discurso social hoje, pleno de fragmentações (2003, p. 49)

Tony parece estar intrincado nessa malha metonímica, seja em razão da ocultação da cena lúdica aos pais, seja em razão da injunção ao consumo. Além disso, observa-se que o menino tem uma relação forte de apego a esses objetos. Após uma série de sessões trazendo apenas um ou nenhum, pois estava brincando com o pinguim, Tony volta a trazer vários brinquedos. Contudo, inicialmente, ele não permitia que brincássemos com esses. Eles ficavam em um canto da sala, enquanto brincávamos com os do consultório. Questiono por que os trazia então, ao que Tony replica: “É só para ver”. A mãe já havia me relatado que, quando um vizinho de Tony vai à casa dele, eles ficavam quietos e Tony falava sobre seus brinquedos para o amigo. Ou seja, parece que não havia o brincar, somente brinquedos. Não havia o enredo em torno da cena do jogo tão caro à infância.

Entre os dinossauros, havia um pequenininho, franzino, que Tony já havia sugerido ser o seu preferido. Ele falou, em um atendimento, que esse dinossauro só comia um tipo de alimento – e que ele era igual àquele dinossauro. Seu nome era “Sicha” – não sei se fora escolhido por ele. E não é de se estranhar que, em vários momentos, em atos falhos, eu chamasse o dinossauro de salsicha. Estaria eu também alienada à demanda da mãe por fazer o garoto comer? Talvez sim, e até tenha transmitido isso a Tony, dado que, em uma situação, intervenho dizendo: “Eu não vou te obrigar a comer”. Tony faz uma expressão de muito surpreso para mim e indaga: “Não?”. A partir desse dia, Tony parece trabalhar ainda mais suas questões com a relação objetal sintomatizada no alimento.

Vale ressaltar também que, após um atendimento que encerrei, no instante em que Tony sairia para procurar os alimentos para os animais, a fim de dar de comer a eles, enunciando: “deixe-os com fome, eles vão ficar com fome”, ele consentiu em brincar com os brinquedos que levava. Na próxima sessão, Tony chega ao consultório com uma sacola repleta de pequenos animais e, sem que eu ou ele diga nada, vira-a, lançando todo o conteúdo ao chão. Ainda com algumas ressalvas, tais como “não pode mexer no braço do boneco” e “tem que brincar com ele assim”, Tony começa a jogar com seus objetos e a jogar com o outro – no caso, comigo, representante do outro no *setting* clínico.

Em uma próxima sessão, Tony entra na sala com super-heróis, mas reparo que havia um número menor de Homens-aranha. Faço essa observação: “Hoje você trouxe menos Homens-aranha”. Tony se desespera e repete algumas vezes “Menos, não!”. O mesmo desespero ocorre quando Tony perde um de seus brinquedos. Ele até mesmo já se pôs a chorar ao não encontrar um de seus dinossauros, o qual ele nem sabia descrever. Aproveito para pontuar: “Você perdeu algo que nem sabe o que é” – tal qual o objeto *a*, que a queda se dá com a operação da separação. Perder, ter menos, não ter ou tirar do lugar ainda são questões árduas para ele lidar.

Houve outro episódio em que Tony não queria ir ao atendimento; a mãe diz que ele deveria ir, pois haveria um novo brinquedo no consultório para ele brincar. O garoto entra procurando pelo novo brinquedo e digo que não há. Ele insiste e justifica que a mãe lhe dissera isso. Nego e faço uma marcação: “Acho que sua mãe se enganou. Ela estava errada”. Diante da minha negação, Tony pede para ir ao banheiro; ao retornar, ele vai até a sala de espera, onde a mãe se encontra, e diz: “Você errou. Não tem brinquedo novo”, na tentativa de ele mesmo marcar a falta na mãe. A criança, assim, por meio da diminuição da potência da mãe, dá sinais de que está consentindo com a separação de uma forma menos penosa que a via da recusa alimentar. Dessa forma, ele não tem que colocar seu próprio corpo, sua sobrevivência, em jogo.

Desde que Tony chegou, havia uma rigidez em seu modo de agir, conduzir suas brincadeiras e relacionar-se com os outros, em especial, com seus pares. Tal característica foi se diluindo. Tony tem se mostrado mais aberto às relações a partir da sua singularidade, sempre recusando qualquer estardalhaço. Afinal, é essa uma das direções fundamentais para a qual aponta uma análise, inclusive a da criança: abrir a possibilidade para o laço social, servindo-se do sintoma.

## **Considerações Finais**

A alimentação inscreve um laço fundamental na relação com o Outro; o aleitamento é o início dessa inscrição em que se conjugam o sujeito e a alteridade. Depois, com a possibilidade da ingestão de alimentos sólidos, o bebê passa a se sentar à mesa, o que comporta uma função social relevante. A comunhão da alimentação à mesa reúne pessoas em diversos contextos. Vale destacar, do caso apresentado, que Tony em princípio não consentia sequer em se sentar à mesa nos momentos de refeição.

Contudo, por meio da alimentação, há risco de se cair no logro da fantasia, na medida em que, amiúde, a faculdade de alimentar corretamente a criança torna-se, para a mãe, condição da maternidade. E, por ser ligada à sobrevivência, pode agenciar fantasias de morte da criança, como foi identificado em Isabel. Isso também pode despertar angústia na mãe – o que, por sua vez, estorva o reconhecimento da demanda de amor embutida na necessidade (Zavaroni et al., 2015).

Da prevalência da necessidade em detrimento do amor decorre um embaraço na operação da frustração. A mãe faz-se excessivamente presente, encobrendo sua falta por meio do objeto da necessidade. Isso é o que se depreende como o que faz questão para a analista diante da construção desse caso clínico de Tony, pois, conforme assentado por Solano-Suarez (2012, como citado em Matet, 2014), um caso clínico não está aí para confirmar uma hipótese, ele lança uma indagação que se associa à teoria, seguindo a lógica desafiadora moebiana de não linearidade de causa e efeito nas relações, com processos que se retroalimentam e estão interligados, em que o todo é mais que a soma das partes.

Depreende-se também que os conceitos freudianos de pulsão, bem como o processo de controle de esfínteres e a operação de frustração auxiliam no entendimento da relação do sujeito com os objetos. Um e outro dizem respeito a um limite necessário entre sujeito e alteridade.

À guisa de conclusão, é possível estabelecer que o caso não diz respeito à inexistência de um laço do sujeito com o Outro, o que não significa que não se constitua um sofrimento psíquico relacionado às tentativas de uma separação inaugural. Tony demonstra isso ao modalizar sua resposta outro, consentindo aos poucos com os objetos. O caso permanece em aberto, os atendimentos continuam, dado relevante para a não pretensão de esgotá-lo. Sabe-se também que não se fecha um diagnóstico na infância, já que se trata, nesse tempo, de uma estrutura não decidida. Permanece, assim, a intenção de futuras publicações com mais considerações acerca do caso, que possam enriquecer o arcabouço teórico-prático psicanalítico no campo das dificuldades alimentares.

## Referências

- Campos, S., Assis, R. F., Cunha, C. F., & Braun, L. (2012). Comida: Semblante do objeto a. *Psicologia em Revista*, 18(1), 28-40. Doi: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2012v18n1p28>
- Duarte, J. B. (2023). *Considerações a respeito da clínica psicanalítica da primeira infância com crianças com dificuldades no desenvolvimento* (Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas). Recuperado de <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=559096>.
- Dunker, C. I. L. (2011). A construção do caso clínico. In M. F. Lier-Devitto & L. Arantes (Orgs.). *Faces da escrita: linguagem, clínica, escola* (pp. 167-176). São Paulo: Mercado de Letras.
- Dunker, C. I. L. (2017). A garrafa de Klein como método para a formalização de casos clínicos em psicanálise. In C. I. L. Dunker, H. Ramirez & T. Assadi (Orgs.), *A construção de casos clínicos em psicanálise: método clínico e formalização discursiva* (pp. 181-231). São Paulo: Annablume.
- Ferrari, I. F. (2010). Caso clínico: o método do exemplo. In F. K. Neto & J. O. Moreira (Orgs.), *Pesquisa em psicanálise: Transmissão na universidade* (pp. 36-48). Belo Horizonte: EdUEMG.
- Ferreira, N. P. (2004). *A teoria do amor: Na psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Fragelli, I. K. Z., & Petri, R. (2004). A transmissão da falta, a partir da leitura do seminário IV de Lacan. *Estilos da Clínica*, 9(17), 118-127. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v9i17p118-127>
- Freud, S. (2006). Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 7, pp. 3-150). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901-1905).
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 117-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). As pulsões e suas vicissitudes. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 129-162). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996). Além do princípio de prazer. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 11-75). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Garroni, C. G. (2011). Separação – a anorexia: Uma clínica da separação. In A. Harari, & V. A. Ribeiro, *A ordem simbólica no século XXI* (pp. 352-354). Belo Horizonte: Scriptum.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, 6(1), 115-138. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>
- Lacan, J. (2008). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1938).

- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957).
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1961).
- Lacan, J. (1979). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lavrador, M. B. (2021) *Não é mais um bebê? Impasses na clínica psicanalítica com crianças pequenas* (Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo). Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-03032022-102329/en.php>. doi: [10.11606/D.47.2021.tde-03032022-102329](https://doi.org/10.11606/D.47.2021.tde-03032022-102329).
- Lebrun, J.-P. (2004). *Um mundo sem limites: ensaio para uma psicanálise do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Levin, E. (2021). *La rebeldía de la infancia: potencia, ficción y metamorfosis*. Buenos Aires, Argentina: Noveduc.
- Mariotto, R. M. M. (2003). Distúrbios alimentares em bebês: uma interlocução entre a fonoaudiologia e a psicanálise. *Distúrbios da Comunicação*, 14(2), 263-274.
- Matet, J.-D. (2014). Clínico (O caso). In O. Machado & V. L. A. Ribeiro, *Um real para o século XXI* (pp. 71-73). Belo Horizonte: Scriptum.
- Meira, A. M. (2003). Pequenos brinquedos, jogos sem fim. In A. M. Meira (Org.), *Novos sintomas* (pp. 41-53). Salvador, BA: Ágalma.
- Skolidis, V. (2011). Pulsão. In A. Harari, & V. A. Ribeiro, *A ordem simbólica no século XXI* (pp. 312-314). Belo Horizonte: Scriptum.
- Val, A. C., & Lima, M. A. C. (2014). A construção do caso clínico como forma de pesquisa em psicanálise. *Ágora*, 17, 99-115. Doi : <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000100007>
- Viganò, C. (1999). A construção do caso clínico em saúde mental. *Curinga*, 13, 50-59.
- Vorcaro, Â. M. R., Moreira, G. G. M., Guimarães, M. R., & Souza, M. A. D. (2015). Os registros iniciais da falta de objeto e suas implicações simbólicas na constituição do sujeito. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 8(1), 131-142.
- Zavaroni, D. D. M. L., Rodrigues, R. L., & Samarcos, A. L. H. (2015). As queixas alimentares na clínica psicanalítica com crianças. *Psicologia Clínica e Cultura Contemporânea*, 2, 51-61. ISBN: 978-85-62313-12-7.

**Revisão gramatical:** Thaís Cardoso Bego

**E-mail:** [thaiscardbeg@gmail.com](mailto:thaiscardbeg@gmail.com)

Recebido em setembro de 2024 – Aceito em fevereiro de 2025.